

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

AGENS IMPOSTAS DE DEUS

ADANIA ESMIGALHADA — Dona Severina é uma senhora pobre, que freqüentemente vem pedir socorro aos serviços da Diocese. O marido a deixou com três crianças, que Dona Severina deu o melhor para criar, até a adolescência, quando se encontram. Mal informada, Dona Severina nada conseguiu para obter do INPS para os filhos, muito menos a pensão. Solta no mundo, a família vai morando a fome permanente com as crianças que recebe dos vizinhos, também pobres.

DEUS DOS RICOS E O DEUS DOS POBRES — Em seus momentos de desolação e revolta, Dona Severina acha que existe Deus dos ricos e o Deus dos pobres: não é possível que seja o mesmo Deus. Não fez os ricos e o Deus que fez os pobres. Ou então, Deus só existe para os pobres. Ele pode estar vendo com indiferença a situação como a minha? Se existe o Deus que vocês pregam, o Deus do amor e da justiça, eu não estaria passando pelo mesmo passo. O meu Deus deve ser Deus muito diferente, diante do Deus dos ricos.

REVELAÇÃO NÃO É TEORIA — Um sociólogo americano, chamado Norman Gottwald, escreveu livro formidável, chamado AS TRIBUNAS DE JAVÉ. Neste livro, Gottwald escreve sobre a sociologia e a história das tribos de Israel, do ano 1250 ao ano de 1050 antes de Cristo. Não escreve como homem religioso, mas como cientista social. Por isso, em seus estudos, não entra a preocupação em demonstrar ou contestar as milagrosas revelações de Deus, no Antigo Testamento. Revelação milagrosa de Deus não é objeto da ciência sociológica, mas da teologia.

DEUS ÚNICO, DEUS DA IGUALDADE — Uma das teses de Gottwald é a seguinte: a consciência do Deus único nasceu, no Povo

de Israel, como resultado de uma vivência de igualdade. A consciência de Deus, Pai de todos, nasceu como resultado da vivência de fraternidade igualitária. Nosso autor mostra como o Povo de Israel foi se formando, menos na base da consanguinidade do que na união dos agricultores pobres, posseiros do interior e proletários das cidades: as camadas oprimidas, que se uniram para a conquista dos direitos, usurpados pelas oligarquias das cidades.

SE DEUS É PAI, TODOS SOMOS IRMÃOS

— Em consequência desta luta, aprofundou-se a consciência de que os homens são iguais, com direitos iguais. Daí explicitou-se a certeza do Deus único, Criador e Pai de todos os homens. Não existe o Deus dos fortes e o Deus dos fracos, o Deus do vencedor e o Deus do vencido. Ao contrário, existe o Deus único, que manda seu povo aniquilar os deuses, inventados pelos poderosos — para justificar a exploração e manter o povo submisso. Esta luta constitui o cerne do Antigo Testamento. A destruição das imagens de Deus protetor dos poderosos foi essencial, na limpeza do caminho para o povo passar.

NOSSA IMAGEM DE DEUS É PRODUZIDA — Nosso autor não nega a Revelação, da qual não se ocupa. Não fala de Deus, mas da imagem de Deus. Deus é objeto de teologia. A imagem de Deus, que se imprime na pessoa ou no povo, é objeto da psicologia e da pedagogia. Deus é essencialmente indefinível. Sua imagem, positiva ou negativa, perseguidora ou paterna, é produzida por fatores históricos: os fatores familiares, econômicos e sociais que produzem, em Dona Severina, a certeza de que Deus está contra ela. É preciso destruir esta imagem, para Dona Severina descobrir o Deus verdadeiro. (F.L.T.)

IMAGEM-DISCRIMINAÇÃO

1. O cabo Genuíno suspeita da carga. Manda o táxi parar. Que é que há, chefe? O cabo Genuíno manda o casal descer. Carlos está surpreso. Elisabete mais surpresa ainda. O cabo assume pose de general e pergunta para onde vocês vão com essa moamba? Não é moamba, não, seu cabo, diz Carlos esquentando. Onde é a casa de vocês? É em Queimados. Queimados parece confirmar as suspeitas. E isso aí onde é que vocês compraram? O casal olha para os objetos comprados e diz que nós compramos tudo no supermercado de Campo Grande. Crescem as suspeitas.

2. Vocês moram em Queimados e vêm fazer compras em Campo Grande? Eu sou de Queimados também. Dizem que em Campo Grande é mais barato do que em Queimados. Quanto custou essa moamba? Carlos sente o sangue ferver. Elisabete acode e diz que nós tinha uma casa, a gente vendeu ela e com uma parte do dinheiro a gente comprou essa TV, os pratos, os talheres, que a gente queria comprar tem muito tempo. Quer dizer que vocês têm muitas casas? Não senhor, essa que nós vendeu e a outra onde nós mora. Era só duas. O cabo morde os beiços.

3. Nós tem a nota do supermercado, quer ver? O cabo manda tocar pra Delegacia. O delegado pergunta onde é que vocês roubaram isso? Elisabete mostra a nota das compras: tudo arrolado direitinho, com preço e quantidade. Ela conta que vendeu a casa, que com dinheiro comprou o que sempre quiseram comprar e não podiam, que o resto ainda ficou pra comprar outras coisas. O cabo Genuíno mandou entregar tudo, murmurando que pobre não compra coisa de rico. O casal sai. Enquanto espera um táxi, pensam: Nunca pensei que a Polícia perseguisse os pobres. (A. H.)

LINHAS PASTORAIS

CIDADANIA E CIDADANIA

Em contacto mais constante com o Povo descobrimos que há uma diferença escandalosa entre a cidadania das elites e a cidadania do Povo marginalizado. O primeiro dos direitos humanos é: "Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade".

• Todas as Constituições estabelecem, como primeiro preceito, que todos são iguais perante a Lei. Na prática nem sempre sucede o que a Lei prescreve. Na prática os cidadãos são diferentes em cidadania.

• A cidadania das elites, que serão uns 20 a 25% da população brasileira, é real. Os membros das elites culturais, políticas, econômicas, militares e religiosas são, de fato, cidadãos completos e integrais: possuem, de direito e de fato, todos os atributos da cidadania.

• É muito diferente a situação dos 75 a 80% que fazem o resto da população brasileira. Estes são apenas cidadãos nominais ou teóricos, cidadãos de direito mas não de fato.

• Têm certidão de nascimento, carteira de trabalho e outros documentos oficiais. Fora isto vivem à margem da sociedade. Nem gozam de quase nenhum dos direitos fundamentais anunciados pelas Nações Unidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos (dezembro de 1948) que o Brasil também assinou.

• Basta percorrer o sertão bruto, as periferias de nossas cidades, as nossas favelas com a Declaração Universal na mão, para verificarmos que os diversos artigos aí são letra morta, para notarmos que o Povo no Brasil, como de resto na América Latina, vive num estado de violação crônica dos direitos humanos. São cidadãos sem cidadania.

• Numa favela, que é a expressão concreta e típica da situação social do Povo marginalizado, que é o símbolo real do Povo brasileiro, onde estão os direitos à vida? à liberdade? à segurança pessoal? à proteção da Lei? à integridade da pessoa e da família? à justiça? à família? à propriedade? à liberdade de pensamento, de consciência e de religião? à liberdade de opinião e de expressão? o direito ao trabalho? a condições justas de trabalho? à proteção contra o desemprego? à remuneração justa? à saúde? à escola? a um padrão de vida digna?

• A existência de milhões de cidadãos que não gozam a plenitude da cidadania, é o problema fundamental, o mais grave, que se nos depara no Brasil, que raramente é mencionado, que tem uma influência direta sobre a maioria dos outros problemas.

• A separação profunda, até hoje intransponível, entre o pequeno Povo do poder — as elites — e as grandes multidões marginalizadas — o Povo — corresponde a uma grave esquizofrenia social que é matriz de quase todos os problemas do Brasil. (A. H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Avulsos. (Canto de Saída: Ana Maria — Vila de Cava-NI)

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



1. Se ouvires a voz do vento, chamando sem cessar. Se ouvires a voz do tempo, mandando esperar: A decisão é tua. São muitos os convidados. Quase ninguém tem tempo.
2. Se ouvires a voz de Deus, chamando sem cessar. Se ouvires a voz do mundo, querendo te enganar.
3. O trigo já se perdeu, cresceu, ninguém colheu. E o mundo passando fome, passando fome de Deus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém.

S. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Celebramos o Dia dos Pais. O corre-corre da vida afastou os filhos do sentar-se à mesa com os pais para fazer a refeição. E quem não senta para conversar e confraternizar não consegue fazer a memória de sua vida familiar e social. A Liturgia é o encontro de irmãos com o Pai. É ceia fraterna. Partilhar a mesma mesa, comer em comum, é criar laços e condições de resistência. É fazer a memória das maravilhas realizadas por Deus no meio de seu povo. É proclamar que Deus é Deus Libertador. Ele não suporta ver seus filhos escravizados. Celebrar é, pois, alimentar a esperança da salvação. É partilhar o "Pão descido do céu", condição para se conquistar a vida e se construir a fraternidade. Assim, na vida como na liturgia, pais e filhos se encontram com o Pai de todos os homens. E juntos celebram a memória feliz da libertação, que devemos alcançar pela força da ação de Deus, mas também pela vida fraterna em família e comunidade.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, reconheçamos nossas culpas, para celebrarmos dignamente o banquete sagrado. (Pausa para revisão de vida).

Eu canto a alegria, Senhor, de ser perdoado no amor!

Senhor, tende piedade de nós! Cristo, tende piedade de nós! Senhor, tende piedade de nós!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória a Deus! Glória a Deus! Glória a Deus nos céus! E paz aos homens na terra que trabalham para Deus!

1. Glória ao Pai do céu, que primeiro nos amou / e em vista do seu Cristo, livremente, nos criou.

2. Glória a Jesus Cristo, porque veio nos salvar / e o mistério de Deus Pai veio ao homem revelar.

3. Glória ao Espírito Santo, porque é Consolador / que ilumina a nossa vida e nos enche de amor.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, preparastes, para quem vos ama, bens que nossos olhos não podem ver. Acendei em nossos corações a chama da caridade. Amando-vos em tudo e acima de tudo, corramos ao encontro dos irmãos e de vossas promessas que superam todo desejo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. O Senhor nos chama a escolher entre sabedoria e loucura. Sabedoria nos dá bom-senso e prudência; a loucura leva às doçuras furtivas e preguiçosas, que conduzem à morte.

L. Leitura do livro dos Provérbios (9,1-6): "A Sabedoria construiu sua casa, talhou suas sete colunas. Matou o gado, misturou o vinho e preparou a mesa. Enviou as empregadas para proclamarem, dos pontos mais altos da cidade: "Quem for inexperiente venha a mim". Ao ignorante ela diz: "Venham todos comer do meu pão e beber do vinho que misturei! Deixem a ingenuidade e terão vida plena! Sigam o caminho do entendimento!" — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 33)

C. O Senhor chama para sentarmos à mesa que Ele preparou. Aceitando o convite, queremos nos comprometer com a sua Palavra. Quero cantar ao Senhor, sempre, enquanto eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor e o seu poder.

Sl. 1. Bendirei o Senhor Deus em todo o tempo, / seu louvor estará sempre em minha boca. / Minha alma se gloria no Senhor; / que ouçam os humildes e se alegrem!

2. Respeitai o Senhor Deus, seus santos todos, / porque nada faltará aos que o temem. / Os ricos empobrecem, passam fome, / mas aos que buscam o Senhor, não falta nada.

3. Meus filhos, vinde agora e escutai-me: / vou ensinar-lhes o temor do Senhor Deus. / Qual o homem que não ama sua vida, / procurando ser feliz todos os dias?

4. Afasta tua língua da maldade / e teus lábios, de palavras mentirosas. / Afasta-te do mal e faz o bem, / procura a paz e vai com ela em teu caminho.

9 SEGUNDA LEITURA

C. São Paulo convida a procurarmos conhecer a vontade e o projeto do Senhor. Quem assim o faz, luta contra o mal e alcança a sabedoria.

L. Leitura da Carta de São Paulo apóstolo aos Efésios (5,15-20): "Irmãos, vejam cuidadosamente como procedem! Não como tolos, mas como sábios, aproveitando bem o tempo, pois os dias são maus. Por isso, não sejam imprudentes, mas procurem compreender a vontade do Senhor! Não se embriaguem com vinho, o que leva à devastação, mas busquem a plenitude do Espírito. Recitem entre vocês salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando o Senhor em seus corações. Sempre e por tudo dêem graças a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Ó Cristo Palavra, Palavra da Vida, da vida mais plena. Quem vive a Palavra tem vida, mais vida, tem vida eterna.

Sl. "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue", diz o Senhor, permanece em mim e eu nele".

11 EVANGELHO

C. Quem quer possuir a vida precisa comer a carne do Filho do Homem e beber do seu Sangue. Viver em Cristo é viver a vida de Deus, no compromisso com a vida dos irmãos.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (6,51-58).


P. Glória a vós Senhor!

S. "Naquele tempo, disse Jesus às multidões dos judeus: "Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo". Os judeus discutiam entre si, dizendo: "Como é que ele pode dar sua carne para comer?" Então disse Jesus. "Em verdade, em verdade, eu digo: se vocês não comerem a carne do Filho do Homem e não beberem o seu sangue, não terão a vida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. E como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, assim aquele que me tomar

como alimento, viverá por mim. Este é o pão descido do céu. Não é como aquele que seus pais comeram e morreram. Aquele que comer este pão viverá eternamente". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

 Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

1. Eu creio em Deus, Pai Onipotente / Criador da terra e do céu!

2. Creio em Jesus, nosso Irmão, / verdadeiramente Homem-Deus!

3. Creio, também, no Espírito de Amor / grande dom que a Igreja recebeu.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Rezemos, irmãos, para que esta celebração apresse a salvação de todos os homens:

L1. Pela santa Igreja de Deus, para que encontre em Cristo o modelo da sua presença entre os homens, rezemos ao Senhor:

L2. Pelos pais, para que sejam os primeiros a dar aos filhos, por palavras e exemplos, o testemunho de sua fé em Cristo Salvador, rezemos ao Senhor:

L3. Pelos nossos irmãos falecidos, para que sejam ressuscitados na alegria do último dia, quando Jesus voltar à terra, rezemos ao Senhor:

L4. Por todos nós, aqui presentes, para que a participação no Corpo e no Sangue de Cristo ajude a pôr nossa vida a serviço dos irmãos, rezemos ao Senhor:


(Outras intenções da comunidade...).

S. Ó Deus, em Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nossa salvação, nos destes a vida. Concedei que nossa participação na eucaristia seja sinal e antecipação da vida eterna de comunhão e amor que nos preparastes. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS


 Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

1. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz.

2. Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado; compreender que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe; é perdoadando que se é perdoado; e é morrendo que se vive para a vida eterna.

3 — A Folha — N° 868

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS


 S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.


S. Acolhei, ó Deus, estas oferendas, pelas quais entramos em comunhão convosco, oferecendo-vos o que nos destes e recebendo-vos em nós. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.


17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (Prefácio próprio. No fim):
P. (canta) Santo, Santo, Santo...

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

 S. Eis o mistério da fé.
Salvador do mundo, salvai-nos / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

18 CANTO DA COMUNHÃO

 Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenha vida plenamente!

1. Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor. Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão: Onde está o teu irmão, eu estou presente nele!

2. Quem comer o Pão da Vida viverá eternamente. Tenho pena deste povo, que não tem o que comer: Onde está um irmão com fome, eu estou com fome nele!

3. Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males. Hoje és minha presença junto a todo sofredor: Onde sofre o teu irmão, eu estou sofrendo nele!

4. Entreguei a minha vida pela salvação de todos. Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes: Onde morre o teu irmão, eu estou morrendo nele!

5. Vim buscar e vim salvar o que estava já perdido. Busca, salva e reconduze quem perdeu toda esperança: Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele!


6. Não apague o fogo tênue do pavio que fumeja. Reconstrói e reanima toda vida que se apaga: Onde vive o teu irmão, eu estou vivendo nele!

7. Este pão, meu Corpo e Vida para a salvação do mundo, é presença e alimento nesta comunhão: Onde está o teu irmão, eu estou também com ele!

8. Salvará a sua vida quem a perde, quem a doa. Eu não deixo perecer um daqueles que são meus: Onde salvas teu irmão, tu me estás salvando nele!

9. Da ovelha desgarrada eu me fiz o bom pastor. Reconduze, acolhe e guia quem de mim se extraviou: Onde acolhes teu irmão, tu me acolhes também nele!

19 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Unidos a Cristo por este sacramento, nós vos imploramos, ó Deus: assemelhando-nos a Ele aqui na terra, participemos no céu da sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. A refeição é encontro fraterno e feliz, que deve reunir a família. A sociedade de competição e lucro impede que a família se encontre à mesa. Os pais não conseguem sustentar os filhos com os frutos de seu trabalho. Para muitos, falta o pão de cada dia e até o Pão da Eucaristia. É o próprio Jesus quem diz: é comendo o Pão da Vida que se alcança a vida eterna. Sem Eucaristia não há vida e sem Eucaristia não há Comunidade. É hora de assumirmos nossa tarefa missionária, o auxílio mútuo, a partilha fraterna e o testemunho cristão, para que reconquistemos o direito de nossas famílias se reunirem.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

22 CANTO DE SAÍDA

1. Eh, irmão! Acorda que o dia já vem, o mundo te espera e eu também. Vem com teu passo firme, há tanto que fazer pelo bem.

Venha me seguir, venha para ver, que o mundo aqui precisa de você. E que todos juntos vamos conquistar um novo amanhecer.

2. É duro fazer a colheita, pois é tempo de seca. Mas o que será de nós, se calarmos nossa voz!

3. Precisamos doar a vida, irmão, despertar tua vocação. Não desistir de lutar, pro mundo melhorar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Ez 24,15-24; Mt 19,16-22. 3ª-feira: Ez 28,1-10; Mt 19,23-30. / 4ª-feira: Ez 34,1-11; Mt 20,1-16a. / 5ª-feira: Ez 36,23-28; Mt 22,1-14. / 6ª-feira: Ez 37,1-14; Mt 22,34-40. / Sábado: Ez 43,1-7a; Mt 23,1-12. Missa Vespertina: 1Cor 15,3-4.15-16; 16,1-2; 1Cor 15,54b-57; Lc 11,27-28. / Domingo: Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab; 1Cor 15,20-27; Lc 1,39-56 (Assunção de Nossa Senhora).

COMO O EVANGELHO ENTROU NO BRASIL

Os índios só cultivavam e caçavam o suficiente para alimentar-se cada dia. Os índios não praticavam nenhum comércio e por isso não tinham o costume de cultivar nada, além do necessário. Os índios não tinham mercadorias para comerciar com os portugueses. Além disso, as coisas que os índios cultivavam não tinham valor, nos mercados da Europa. O pau-brasil, para os índios, não tinha nenhum valor especial. As matas do litoral estavam cheias dessa madeira.

Os índios, de boa vontade, cortavam e carregavam o pau-brasil para os navios dos portugueses, em troca de alguns objetos que não conheciam, como facas e machados de ferro, espelhos, contas coloridas e outras coisas de pouco valor, que os portugueses lhes davam. Nos primeiros tempos, então, as relações foram pacíficas e amigáveis, pelo menos da parte dos índios.

Além do pau-brasil, os portugueses levavam como mercadoria também araras e papagaios

ou outros animais desconhecidos na Europa e, especialmente, os próprios índios. Enganados, convidados a conhecer a terra dos portugueses, os índios embarcavam nos navios e, na Europa, eram vendidos como escravos. A amizade dos índios os portugueses respondiam com traição. O que mais interessava aos portugueses era mesmo o pau-brasil e isto eles conseguiam facilmente, com a ajuda dos índios.

Nos primeiros tempos, os portugueses não se interessavam em ocupar realmente a terra, vir morar aqui, cultivar nada. Bastava mandarem seus navios encostar, trazer alguns objetos para agradar os índios, e esses enchiam os porões dos navios de madeira. Nos primeiros 30 anos depois da sua chegada, poucos portugueses ficaram no Brasil. Apenas alguns, para organizar o corte da madeira e o carregamento dos navios, e outros que tinham sido condenados por algum crime em Portugal e eram largados aqui, como castigo.

Valéria Rezende

Por isso, também nos primeiros 50 anos, o rei não mandou padres missionários para cá e nem se fez nada de mais organizado para evangelizar os índios. Isso ajuda a ver como, na verdade, a intenção dos portugueses era muito mais a de ganhar dinheiro do que de espalhar a fé cristã.

Durante aqueles primeiros 50 anos, foi quase por acaso que alguns frades franciscanos, muito poucos, desembarcaram aqui e procuraram, por algum tempo, evangelizar os índios. Mas não eram missionários que tinham vindo para cá com essa intenção. Em geral, eram capelães de navios que tinham afundado e tinham que ficar aqui por um tempo, esperando outro transporte, ou que desembarcavam por causa de doença ou outra causa. Podemos dizer que, nesses anos, foi quase nada a evangelização. Apenas os índios, com certeza, viam e escutavam com espanto a celebração da missa e as rezas dos portugueses, sem compreender o que era aquilo.

EM TORNO DA LITURGIA

A VELA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

O uso litúrgico da vela é muito freqüente, tornando-se por isso um símbolo bastante presente na vida cristã. Assim, a apresentação do Senhor no Templo é uma festa muito significativa entre nós. É chamada também Festa da Purificação de Nossa Senhora, ou Festa de Nossa Senhora das Candeias, isto é, das velas. Isto porque nesse dia são abençoadas as velas para a procissão, velas que depois são levadas devotamente para casa pelos fiéis. Celebra-se a festa 40 dias depois do Natal, pois, segundo o Evangelho, neste dia, Maria e José apresentaram o Menino Jesus no Templo por ser o primogênito e o resgataram pelo resgate dos pobres, ou seja, um par de rolas.

Esta festa quer antes de tudo comemorar e reviver o mistério da manifestação de Jesus Cristo no Templo, proclamado pelo velho Simeão como luz dos povos. Cristo se manifesta como a luz. Por isso, a procissão das velas e o símbolo da vela de onde surgiu também o nome de Festa de Nossa Senhora das Candeias.

A vela, símbolo da luz e da consagração, acompanha o cristão em sua caminhada por este mundo até chegar ao reino da luz. No Batismo ela significou a fé, a nova vida em Cristo, o Cristo que somos chamados a testemunhar. Na Primeira Comunhão assumimos o significado da vela, professando pessoalmente nossa fé. Usamos a vela acesa quando anualmente renovamos nossas promessas do Batismo na Vigília da Páscoa. Está presente em quase todas as celebrações litúrgicas; de modo especial na Celebração Eucarística. Na profissão religiosa ela quer significar a dedicação total a Deus e aos homens na vida da perfeita caridade. Acendemo-la em expressão de consagração ou agradecimento nos santuários. A vela está presente em nossos encontros na intimidade, como na Ceia de Natal.

Enfim, muitos se preocupam em colocar a vela acesa na mão do moribundo. Pode ser um gesto de profundo significado de fé e esperança no Cristo, luz eterna dos que

morrem no Senhor e de consagração de toda a vida a Deus. Infelizmente o gesto muitas vezes não passa de pura superstição, como se fosse o auxílio espiritual mais importante na hora da morte.

A festa da apresentação de Jesus no Templo nos lembra que também nós nos devemos tornar templo de Deus, acolhendo Cristo em nossa vida. Depois da vinda de Cristo que armou sua tenda entre os homens, aboliram-se os templos de pedra para surgirem por toda a terra os templos vivos. Como Cristo foi acolhido e exaltado no Templo, a Liturgia desta festa ensina aos homens o acolhimento que devem prestar ao Salvador e à sua mãe, quando canta: "Adorna, Sião, a tua câmara nupcial! Acolhe a Cristo, teu Rei! Corre a Maria! Ela é a porta do Céu, porque nos braços tem o Rei da Glória, a Luz nova, gerada antes da aurora".

(Do livro *Simbolos Litúrgicos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 4ª edição 1985, 18-19)

SANSÃO, ÂNGULO DE VISÃO DO AUTOR

Carlos Mesters

No ano 640 antes de Jesus Cristo, o rei Josias assumiu o governo, com a simpatia do povo. Em seu reinado, surgiu um movimento nacionalista conjugado: do governo, do clero e dos profetas, com o apoio da simpatia popular, para reforma profunda, baseada na aplicação da Constituição, que era a Lei de Deus; agora em nova edição, elaborada no livro do Deuteronômio, que data desse tempo ou de pouco antes.

O autor do livro dos Juízes recolhe todas as tradições antigas dos tempos dos Juízes e as ordena dentro de um esquema fixo, que exprime sua tese ou mensagem fundamental: 1) quando o povo, naqueles tempos remotos dos Juízes, deixava de seguir a Lei de Deus, perdia sua liberdade e ficava oprimido pelo poder estrangeiro (Jz 2,1-3.11-15; 3,7-8.12-14; 4,1-2; 6,1-2; 10,6-8; 13,1); 2) quando, em seguida, se arrependia, voltando para Deus e reformando a vida, Deus sempre suscitava um líder, sobre o qual descia a força do Espírito de Deus, para libertar o povo (Jz 3,9-10.15; 4,3s; 6,7s; 10,10s);

3) Resultado de tudo isso era um período de paz e de tranquilidade, na posse da liberdade (Jz 3,11.30; 5,31; 8,28; 15,32); 4) depois, abandonada novamente a Lei de Deus,

voltava a opressão e se repetia o mesmo processo. Assim via o autor a história dos Juízes. Os Juízes eram líderes carismáticos, suscitados por Deus, como resposta à boa vontade do povo.

Ora, essa constância com a qual se repetia infalivelmente a intervenção libertadora de Deus, após a "conversão" ou reforma do povo, era, para o leitor, uma garantia de que tal intervenção era possível também agora. Bastava prepará-la e provocá-la, por uma reforma profunda da vida nacional, pois Deus não mudou de lá para cá. A força do mesmo Espírito de Deus garantiria, também agora, o êxito da tentativa reformista que o povo fizesse.

Visto e apresentado dessa maneira, aquele passado longínquo dos Juízes começava a reviver e a tomar dimensões bem atuais: se quisessem que a situação mude para melhor, façam como fizeram nossos antepassados! Nesse contexto geral do seu livro, o autor insere a história, já existente, de Sansão. Para fazê-la combinar com a perspectiva e o objetivo geral do livro, acrescentou uma breve introdução: "Israel começou a fazer o que desagradava o Senhor e Deus permitiu que caísse nas mãos dos filisteus..." (Jz 13,1).

E a conclusão: "Ele (Sansão) governou Israel durante vinte anos" (Jz 15,20; 16,31). Assim, uma história já velha, sem perder nada do seu colorido popular, começou a ter uma função muito atual: ser apelo para encarar a situação com o realismo da fé e para preparar a manifestação da força de Deus. Levava a perguntar: "Quem é hoje o nosso Sansão, que merece o nosso apoio e no qual se manifesta a força de Deus?" e a resposta, que o autor deixa por conta do leitor: o jovem rei Josias.

A pergunta que resta é: "Mas aquela história de Sansão? Aconteceu mesmo? É verdade mesmo que Deus aprovou tudo aquilo? Para que servem aquelas histórias melindrosas e duvidosas de assassinatos e de amor?" Que foi que aconteceu na realidade? É possível sabê-lo? Deve-se notar aqui duas coisas: trata-se de literatura bem popular; são narrações que surgiram em circunstâncias particulares de opressão por parte dos filisteus. Ora, literatura popular não segue as leis de uma reportagem jornalística e não está interessada em dar uma versão fotográfica dos fatos; é muito sensível a "focofas", que aumentam os fatos, segundo o interesse do momento.